TERRITORIALIDADES INDÍGENAS TAPEBA EM CAUCAIA (CE): TRAJETÓRIA DE LUTA E CONTINUIDADE DO POVO

TAPEBA INDIGENOUS TERRITORIALITY INTO CAUCAIA (CE): TRAJECTORY OF FIGHT AND THE PEOPLE'S CONTINUITY

TERRITORIALIDAD INDÍGENA TAPEBA EN CAUCAIA (CE): LA TRAYECTORIA DE LA LUCHA Y LA CONTINUIDAD DEL PUEBLO

VITÓRIA ALVES LIMA

Universidade Estadual do Ceará – UECE

E-mail: valveslima8@gmail.com

Resumo

Os povos indígenas possuem formas particulares de viver e utilizar os recursos disponíveis em determinados espaços. O território, para uma população indígena, é compreendido enquanto um espaço voltado para a reprodução cultural e simbólica, e dessa forma, podem ser identificadas sob a óptica da ciência geográfica, as territorialidades indígenas em ambientes urbanos, como é o caso do povo Tapeba. O povo Tapeba habita o município de Caucaia (CE) e possuem parte de sua terra delimitada, porém não homologada, como consequência disso, apropriam-se de alguns ambientes do município, com o intuito de realizar atividades cotidianas, e é nesse sentido que se tem como objetivo realizar a leitura da formação de territorialidades indígenas Tapeba no município de Caucaia (CE). Para a realização do estudo, fez-se necessário a organização de um levantamento bibliográfico, a participação da população e, para identificação dos espaços de convivência dos Tapeba, utilizou-se ferramentas de geoprocessamento. Com isso, identificou-se espaços de convivência para estudo, lazer e trabalho.

Palavras-chave: Territorialidade, Território, Tapeba.

Abstract

Indigenous peoples have particular ways of living and using the resources available in certain spaces. The territory, for indigenous population, is understood as a space dedicated to cultural and symbolic reproduction, and in this way, the territoriality can be identified, from the perspective of the geographic science, as is the case of the Tapeba people. The Tapeba people, inhabit the municipality of Caucaia (CE), have part of their land delimited, but not approved, as a consequence of this, they appropriate some environments of the municipality, in order to carry out daily activities, in this sense, aims to read the formation of Tapeba indigenous territorialities in the municipality of Caucaia (CE). In order to carry out the study, it was necessary to organize a bibliographic survey, participation of the population, and to identify the living spaces of the Tapeba, geoprocessing tools were used. With this, spaces of coexistence were identified for study, leisure and work.

Keywords: Territory, Territoriality, Tapeba.

Resumen

Los pueblos indígenas tienen formas particulares de vivir y utilizar los recursos disponibles en determinados espacios. El territorio, para una población indígena, se entiende encuanto un espacio dedicado a la reproducción cultural y simbólica, y de desta manera, desde la perspectiva de la ciencia geográfica se pueden identificar, la territorialidad indigena en entornos urbanos, como es el caso de los indigenous Tapeba. El pueblo Tapeba, habita el municipio de Caucaia (CE), tiene parte de su terreno delimitado, pero no homologado, assí de ello, se apropian de algunos ambientes del municipio, con el fin de realizar actividades cotidianas, y es en este sentido que tenemos como objetivo identificar la formación de territorialidad indígenas tapeba en el municipio de Caucaia (CE). Para realizar el estudio, fue necesario realizar un levantamiento bibliográfico, realizar una entrevista con la población, y para identificar las territorialid de los Tapeba, se utilizaron herramientas de geoprocesamiento. Con ello, se identificaron espacios de convivencia para el estudio, el ocio y el trabajo.

Palabras clave: Territorialidad, Territorio, Tapeba.

Introdução

Assim como no Nordeste do Brasil, o estado do Ceará apresentou durante muito tempo em sua história algumas marcas da colonização europeia. Uma das principais marcas desse período foi o preconceito explícito aos povos indígenas, negros e quilombolas que, consequentemente, desencadeou em uma onda de negação das respectivas identidades. No estado, esse cenário passou a ser alterado no ano de 1950, onde antropólogos, historiadores e folcloristas afirmam a existência de grupos "remanescentes indígenas" no litoral oeste do Ceará, sendo esses pertencentes a etnia Tremembé.

Passado o tempo, mais precisamente em meados da década de 1970, surgem notícias veiculas na mídia local a respeito da existência de um grupo indígena no atual município de Caucaia, Região Metropolitana de Fortaleza — RMF, o referido grupo correspondia aos Tapeba. Nas notícias, eram descritas as condições precárias em que os sujeitos estavam vivendo e, a partir disso, as autoridades e pessoas ligadas aos movimentos sociais tomaram conhecimento da existência de população indígena no município e sentiram a necessidade de prestar solidariedade ao povo.

Dessa forma, os indígenas sentiram a necessidade de se organizar em prol de alcançar interesses em comum. Dito isso, em meados de 1980, articulam, com a participação de missionários da Igreja Católica, um movimento que visava a reivindicação à educação, terra, saúde e moradia. Nesse sentido, os Tapeba vão alcançando notoriedade, e durante a década de 1990, realizam um rompimento com a Igreja Católica, tornando suas lutas ainda mais independentes. Além disso, propõem com outras etnias a criação do movimento indígena no estado do Ceará, com o objetivo articular os interesses em comum de forma coletiva.

Atualmente, o povo Tapeba habita o município de Caucaia e estão distribuídos em 18 comunidades. Apesar dos anos de luta, ainda não possuem sua terra homologada e aguardam a decisão judicial. A população alega que o estudo de delimitação não contempla toda a área por eles habitada e, dessa forma, eles se apropriam de alguns ambientes para realizar atividades cotidianas: esses espaços normalmente são utilizados, em sua maioria, por população indígena. Isso levou a pensar sobre a formação de territorialidades indígenas Tapeba em Caucaia (CE).

Após essa breve leitura sobre os Tapeba, faz-se necessário entende-los sob a ótica da ciência geográfica e, nesse sentido, foi escolhido enquanto embasamento teórico os estudos desenvolvidos por pensadores da geografia acerca do conceito de

território e territorialidade. No que se refere à compreensão de território para a população, Oliveira (1997) ressalta que apropriar-se de um território, para um povo indígena, representa o fortalecimento da cultura, poder utilizar os recursos naturais para garantir sua sobrevivência física e, principalmente, preservar um espaço que é, além de tudo, simbólico.

Diante disso, definiu-se como objetivo da pesquisa identificar a formação de territorialidades indígenas em Caucaia (CE). Para alcança-lo, fez-se necessário a adoção de três procedimentos metodológicos, sendo esses: a seleção bibliográfica, a realização de entrevistas com a população e a elaboração de mapas de localização. No primeiro momento da investigação, foram feitas consultas bibliográficas; logo após, foram realizadas entrevistas com a população; por fim, ao agrupar as informações coletadas na etapa anterior, foi possível elaborar mapas que possibilitaram representar a localização desses espaços de convivência.

No que se refere à organização do texto, o mesmo possui cinco tópicos, organizado conforme as etapas de desenvolvimento do trabalho. No primeiro tópico, são descritos os procedimentos metodológicos adotados. No segundo tópico, é feita uma breve introdução acerca dos conceitos de território e territorialidade. No terceiro tópico, é feita uma leitura geral sobre o povo Tapeba, onde é destacada a sua história e características da população. No quarto tópico, são apresentadas as territorialidades indígenas. E no quinto e último tópico, são feitas as considerações finais a respeito do tema.

Por fim, conclui-se que o povo Tapeba, na busca pela manutenção do seu território e, consequentemente, da sua cultura, reúnem-se cotidianamente em ambientes específicos no município de Caucaia. Dessa forma, foram identificados os espaços de convivência: as Escolas de ensino diferenciado, o Terreiro Sagrado dos Pau Branco, a Lagoa dos Tapeba e o Parque Estadual Botânico, sendo o Parque Estadual Botânico o único ambiente que não é de uso exclusivo da população.

Procedimentos Metodológicos

Quando se delineia os procedimentos metodológicos em um estudo, tem-se o intuito de alcançar os objetivos propostos no mesmo. Para o trabalho, adotou-se enquanto objetivo realizar a leitura dos conceitos de território e da territorialidade para compreender a formação de territorialidades indígenas. Além disso, fez-se necessário compreender o perfil da população estudada, bem como a sua origem e

suas singularidades. Por fim, foram identificadas as territorialidades em um mapa síntese. Diante disso, para a construção desse trabalho, foram definidos três procedimentos metodológicos: 1) seleção bibliográfica; 2) realização de entrevistas com a população; e 3) uso de ferramentas de geoprocessamento. Dessa forma, fez-se possível realizar a interpretação aqui concebida.

Os conceitos de território e territorialidade foram definidos enquanto aporte teórico para a compreensão de comunidades indígenas a partir da ciência geográfica. Para tanto, foi realizada a seleção bibliográfica, que consiste na minuciosa escolha de livros, artigos e demais materiais acadêmicos que auxiliam na compreensão desses conceitos utilizados no estudo.

No que diz respeito a caracterização do perfil dos Tapeba, foram utilizados materiais acadêmicos vinculados às ciências sociais, principalmente da antropologia. Já os dados quantitativos foram consultados nos portais digitais do SIASI (2016) e da ADELCO (2018). A pesquisa foi realizada tanto de forma presencial, na Biblioteca Central da Universidade Estadual do Ceará – UECE, quanto digital, através da pesquisa em repositórios institucionais e revistas especializadas.

Com o propósito de obter uma participação da população no trabalho, optou-se pela coleta de relatos do povo Tapeba para a identificação das territorialidades indígenas, por meio da realização de entrevistas. Devido a pandemia de Covid-19, as entrevistas foram realizadas de forma remota por meio da plataforma Documentos do Google em outubro de 2020.

Foram entrevistados dois professores indígenas da etnia Tapeba, que residem na comunidade Jandaiguaba, mas que circulam livremente entre as demais. O roteiro da entrevista foi composto de 30 perguntas abertas, divididas em duas seções, sendo essas cultura e território e agrupando indiretamente, a educação indígena, nas quais o entrevistado gozou da total liberdade para respondê-lo.

Por fim, com o intuito de identificar a Terra Indígena Tapeba e as respectivas territorialidades exercidas pela população, foram elaborados mapas de localização. Para a confecção dos mapas, foi utilizado o programa computacional QGis, na versão 2.18.

Os dados para a construção dos materiais cartográficos foram colhidos nos portais digitais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2015), da Fundação Nacional do Índio - FUNAI (2017), do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará - IPECE (2019) e do Google Earth Pro (2020).

Território e territorialidade: percursos teóricos para a compreensão de uma comunidade indígena

Neste momento, será feita uma breve discussão acerca das diversas interpretações geográficas do conceito de território, assim como o de territorialidade. Essa leitura teórica sobre o território visa fornecer o embasamento necessário para a compreensão das territorialidades, entendidas enquanto espaços de convivência da população estudada.

Ao considerar o princípio da abordagem territorial, elucida-se para a interpretação de Raffestin (1993), na qual o autor ressalta a importância do espaço para o entendimento do território. Dessa forma, Ferreira (2014) destaca em Raffestin (1993), que "[...] o espaço é a base para a formulação do território, ou seja, o espaço existe antes do território, ele é a 'matéria-prima' para a construção deste último" (FERREIRA, 2014, p. 116), o autor complementa:

> Espaço e território não são termos equivalentes [...]. É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintomático (ator que realiza um programa) em qualquer nível (RAFFESTIN,1993, p. 143).

Desse modo, concebe-se que "[...] o território em Raffestin é produzido por uma constelação de relações que o indivíduo ou grupos de indivíduos — os agentes sociais — mantêm entre si e com a natureza" (FERREIRA, 2014, p. 117). Posto isso, concorda-se que no ato de apropriar-se de uma porção do "[...] espaço concreta ou abstratamente, o ator 'territorializa' o espaço" (RAFFESTIN, 1993, p.143). Quando o autor faz referência à apropriação, entende-se que essa é marcada, sobretudo, por relações de poder, que caracterizam o território. Tendo em vista que o poder, "[...] visa o controle e a dominação sobre os homens e sobre as coisas" (RAFFESTIN, 1993, p. 58).

No entanto, Raffestin (1993) em sua interpretação refere-se ao espaço enquanto um substrato natural. Por conta disso, em Souza (2001) foram tecidas críticas à sua abordagem, referentes a essa proposta de associação do conceito de espaço a um espaço natural, e de território a espaço social. Assim, Ferreira (2014) alude que para Souza (2001):

> Raffestin não explorou suficientemente o veio oferecido por uma abordagem relacional, pois não discerniu que o território não é o substrato, o espaço social em si, mas um campo de forças, as relações de poder espacialmente delimitadas e operando, destarte, sobre um substrato referencial (SOUZA, 2001, p. 97 in FERREIRA, 2014, p. 118).

Diante desse cenário, e a partir da leitura das críticas tecidas por Souza (2001) à interpretação de Raffestin (1993), busca-se compreender o que caracteriza, de fato, o território. Dessa forma, parte-se do pressuposto que o território é, sobretudo, "[...] um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder" (SOUZA, 1995, p. 78).

Tendo isso em vista, entende-se que o território está "[...] muito ligado à ideia de domínio ou de gestão de uma determinada área. Assim, deve-se ligar sempre a ideia de território à ideia de poder" (ANDRADE, 1995, p. 19). Portanto, entende-se que este é "[...] essencialmente um instrumento de exercício do poder" (SOUZA, 1995, p. 79). Sobre a formação de um espaço em território, têm-se que este "[...] resulta da apropriação coletiva do espaço por um grupo" (CLAVAL, 1999, p. 8).

No entanto, essa noção de poder que está associada ao território não necessariamente corresponde à força, ou violência, pois o poder possui múltiplos significados, como é elucidado por Haesbaert (2004):

> Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional "poder político". Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação (HAESBAERT, 2004, p. 1).

Nesse ínterim, Haesbaert (2004) entende que o território está:

> Imerso em relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espaço, "desdobra-se ao longo de um continuum que vai da dominação político-econômica mais "concreta" e "funcional" à apropriação mais subjetiva e/ou "cultural-simbólica" (HAESBAERT, 2004, p. 95-96).

Outra leitura sobre a compreensão do conceito de território é a proposta elaborada por Saquet (2009), na qual considera que os territórios são "múltiplos, históricos e relacionais" (SAQUET, 2009, p. 86). Além disso, o autor atribui à figura do homem um papel importante na "[...] efetivação dos territórios e das territorialidades como síntese e mediação entre a sociedade e a natureza" (SAQUET, 2009, p. 87).

Para Saquet (2009), o homem significa simultaneamente, sociedade e natureza, e contribui para a construção dos territórios:

> Na natureza o homem vive relações. Na sociedade, o homem vive relações. Em ambas, o homem vive relações construindo um mundo objetivo e subjetivo, material e imaterial. O homem vive relações sociais, na construção do território, interações e relações de poder; diferentes atividades cotidianas, que se revelam na construção de malhas, nós e redes, constituindo o território (SAQUET, 2009, p. 87).

Diante do exposto, entende-se que nos estudos atuais, o território assume um papel múltiplo e, nesse sentido, compreende-se a importância em realizar estudos associados à dimensão vivida do território, sobretudo, no sentido de destacar uma população em particular.

Assim, entende-se que o território "[...] nasce então das estratégias de controle necessárias à vida social" (CLAVAL, 1999, p. 8) e, dessa forma, a territorialidade "[...] para os humanos é uma estratégia geográfica poderosa para controlar pessoas e coisas através de um controle de área" (SACK, 1986, p. 6). Posto isso, têm-se que a definição de territorialidade é proposta por Sack (1986) enquanto uma "[...] tentativa de um indivíduo ou grupo, de afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relações, através da delimitação e da afirmação do controle sobre uma área geográfica" (SACK, 1986, p. 21). Sack (1986). Complementa a definição afirmando que a territorialidade:

> [...] é usada nas relações do dia-a-dia e nas organizações complexas. A Territorialidade é uma expressão geográfica primária do poder social. Ela é um meio pelo qual o espaço e o tempo estão interrelacionados. A mudança de funções da Territorialidade nos ajuda a entender as relações históricas entre a sociedade, o espaço e o tempo (SACK, 1986, p. 6).

Posto isso, entende-se que "[...] a territorialidade é um fenômeno social que envolve indivíduos que fazem parte do mesmo grupo social e de grupos distintos" (SAQUET, 2009, p. 88). Além disso, a "[...] territorialidade também pode ser compreendida como mediação simbólica, cognitiva e prática que a materialidade dos lugares exercita nas ações sociais". (SAQUET, 2009, p. 87). Saquet (2010) salienta que a territorialidade, bem como o território, é multidensional e é possível observar esse fato quando Haesbaert (2007) afirma que:

> [...] a territorialidade, além de incorporar uma dimensão mais estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar (HAESBAERT, 2007, p, 22).

Assim, concordando com Haesbaert (2007), observa-se em Saquet (2009):

> [...] compreendemos a noção de territorialidade como um processo de relações sociais, tanto econômicas, como políticas e culturais de um indivíduo ou de um grupo social. A territorialidade corresponde às relações sociais e às atividades diárias que os homens têm com sua natureza exterior. É o resultado do processo de produção de cada território, sendo fundamental para a construção da identidade e para a reorganização da vida quotidiana (SAQUET, 2009, p. 8).

Ao observar esse trecho, Saquet (2009) reforça que a formação de territorialidades se dá a partir de relações de diversas dimensões, como políticas, econômicas, culturais e simbólicas. Ao observar esse cenário, o autor afirma que a territorialidade:

> [...] efetiva-se em todas as nossas relações cotidianas, ou melhor, ela corresponde às nossas relações sociais cotidianas em tramas, no trabalho, na família, na rua, na praça, na igreja, no trem, na rodoviária, enfim, na cidade-urbano, no rural agrária e nas relações urbano-rurais de maneira múltipla e híbrida (SAQUET, 2009, p. 90)

Perante essas interpretações, e voltando o olhar para a interpretação de caráter cultural e simbólico, Claval (1999) alude para a importância do papel da identidade na construção da face vivida do território, ou seja, das territorialidades. O autor entende que a identidade "[...] é construída a partir do olhar do outro" (CLAVAL, 1999, p. 18) ressaltando que a mesma resulta de uma construção cultural, associada às características particulares de um determinado grupo e que, posteriormente, virão a definir o indivíduo e dar sentindo à sua existência. Sobre isso, Claval (1999) afirma:

> A identidade aparece como uma construção cultural. Ela responde a uma necessidade existencial profunda, a de responder à questão: "quem sou eu? Ela o faz selecionando um certo número de elementos que caracteriza, ao mesmo tempo, o indivíduo e o grupo: artefatos, costumes, gêneros de vida, meio, mas também sistemas de relações

> institucionalizadas, concepções da natureza, do indivíduo e do grupo (CLAVAL, 1999, p. 16).

A identidade promove o reconhecimento de grupos sociais através de características comuns, como exemplo escolheu-se tratar sobre povos tracionais, que possuem um sentimento de pertencimento ao lugar em que habitam ou se apropriam. Posto isso, compreende-se que "[...] o sentimento identitário permite que se sinta plenamente membro de um grupo, dotá-lo de uma base espacial ancorada na realidade" (CLAVAL, 1999, p. 16). Nesse sentido de pertencimento — a um grupo, e a um território — que buscou-se compreender a formação de territorialidades associadas às populações indígenas.

Com o intuito de preservar seus bens materiais e imateriais, o povo indígena da etnia Tapeba busca desenvolver práticas culturais, educacionais, profissionais e de lazer em locais específicos do município de Caucaia (CE). Eles têm como objetivo fortalecer e preservar sua cultura, compreendida neste trabalho enquanto "[...] uma herança transmitida de uma geração a outra" (CLAVAL, 2007, p. 63).

Nesse sentido, é possível compreender a relevância de tratar sobre temas como a identidade nos estudos territoriais, tendo em vista que nesse caso específico:

> A construção das identidades assume, desse ponto de vista, uma dimensão geográfica: um grupo preocupado em não ver suas novas gerações se afastarem dos ideais tradicionalmente professados tem interesse em viver isolado. Desse ponto de vista, a construção do território faz parte de estratégias identitárias (CLAVAL, 1999, p. 13).

Após essa leitura teórica sobre os conceitos de território e territorialidade, será traçado o perfil da população estudada, feito um reconhecimento de sua origem, bem como, serão apresentadas suas lutas e resistências, seus quantitativos populacionais e sua situação fundiária.

Conhecendo o povo Tapeba de Caucaia (CE): origem e reconhecimento

A palavra Tapeba é originária da língua tupi, e constitui "[...] uma variação fonética de itapeva (de itã!tâ, isto é, "pedra"; e peva, ou seja, "plano", "chato"): "pedra plana", "pedra chata", "pedra polida" etc" (BARRETTO FILHO, 2004, p. 96).

Segundo a ADELCO (2018), os Tapeba possuem atualmente 18 comunidades: Capoeira, Capuan, Jandaiguaba, Jardim do Amor, Lagoa I, Lagoa das Bestas, Lagoa dos Tapeba, Lameirão, Ponte, Sobradinho, Trilho e Vila dos Cacos, Itambé, Coité, Bom Jesus, Água Suja, Vila Nova e Mestre Antônio. Até os dias atuais a população indígena habita o município de Caucaia (CE), inserido na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF).

Diante desse quadro, têm-se que a origem da composição étnica dos Tapeba provém de:

> [...] um processo histórico de inter-relacionamento e individuação étnica de segmentos de quatro povos indígenas distintos ali reunidos e vivendo sob diferentes regimes de administração de indígenas e sob diversas legislações de ordenamento fundiário ao longo do tempo: os Potiguara originários, os Tremembé, os Kariri e os Jucá. (BARRETTO FILHO, 2006, p. 23).

Barretto Filho (2004) refere-se como processo histórico de relacionamento das etnias a implantação dos aldeamentos jesuíticos, iniciada no atual estado do Ceará no ano de 1658, e possuindo continuidade com a adoção das Vilas Pombalinas, em 1775 (SILVA, 2003).

As dinâmicas desempenhadas nos aldeamentos jesuíticos centravam-se na prática dos descimentos, que consistiam em retirar os indígenas dos sertões do estado e trazê-los para o litoral, fixando-os próximo aos engenhos de cana-de-açúcar (SILVA, 2003). Nos aldeamentos, os indígenas ficavam sobre a tutela dos padres jesuítas, que impuseram o estudo da cultura europeia, através de músicas, religião e artes em geral, como forma de aculturar a população sob os moldes estrangeiros.

Com a extinção dos Aldeamentos, surgem as Vilas Pombalinas em 1755 (SILVA, 2003), após a expulsão dos jesuítas. Conforme Silva (2003), no Ceará foram criadas cinco vilas: a Vila Viçoza Real, Vila Real de Soure, Vila Real de Arronches, Vila Real de Messejana e Vila de Montemor o Novo. Nas vilas, o processo de aculturação teve continuidade, o papel de tutor era assumido pelos diretores, o objetivo era transformar os nativos em cristãos e servos do rei, uma estratégia de conquista territorial.

Dessa forma, ao observar o contexto histórico de povoamento e origem do município de Caucaia, é possível compreender que a história dos Tapeba está diretamente associada à origem do município. Conforme Barretto Filho (2004), o que

se conhece atualmente como Caucaia surgiu a partir da criação da Aldeia de Nossa Senhora dos Prazeres de Caucaia, missionada regularmente pelos jesuítas entre 1741 a 1759. Logo após a expulsão dos jesuítas do então aldeamento, acontece a elevação da Aldeia à categoria de Vila, sendo Vila de Soure no ano de 1759 e, posteriormente, município de Caucaia em 1943. O nome Caucaia é uma derivação de ka'a –o- kai, topônimo de origem indígena que significa: mato queimado, mato que se queima (BARRETTO FILHO, 2004, p. 96).

Como forma de exercer o poder máximo sob as terras, o Diretório Pombalino foi extinto pela Carta Régia de 12 de maio de 1798. E no ano de 1850, o governo imperial passou a preocupar-se explicitamente com a legalidade das terras indígenas, assim "[...] a Lei de Terras nº 60, de 18 de setembro de 1850, foi criada em substituição à lei de concessão de sesmarias" (LEITE NETO, 2006, p. 124-125). A Lei de Terras visava a implementação de novas diretrizes para o acesso às terras, pautadas em medidas de restrição ao acesso à terra, como a contenção das ocupações de terras devolutas, limitando o uso apenas pelo título de compra.

A partir dessa estratégia, tem-se o início do movimento de negação da identidade indígena, como consequência da perda dos territórios e desapropriações. Diante disso, no ano de 1850, "[...] os aldeamentos indígenas são declarados extintos no Ceará, antes de qualquer outra província do império" (RATTS, 1996, p. 23) e, consequentemente, "[...] pouca ou nenhuma evidência é dada aos índios, depois de 1850" (RATTS, 1996, p. 28).

Barretto Filho (2004) ressalta que, até meados dos anos de 1980, não se tinham notícias ou menções concretas sobre a população em livros ou demais mídias. Desse modo, as primeiras impressões delineadas sobre os Tapeba limitam-se aos relatos da população não indígena local, em que destacam sobretudo o modo de vida miserável que os "índios Tapeba" levavam, e alegavam que a população se encontrava em completo estado de aculturação, por habitarem um ambiente maioritariamente urbano.

Por viverem em condições precárias de saúde e segurança, os Tapeba sofriam diversas formas de preconceito, associadas ao seu modo de vida difícil, sua aparência e, principalmente, à sua origem. Nesse sentido, Tófoli (2010) ressalta um estudo feito por Barretto Filho (1998), no qual afirma que a população não indígena vinculava a palavra Tapeba à:

> [...] uma série de classificações depreciativas. Associado a condutas como comer carne de animais encontrados mortos, consumo de álcool, promiscuidade, desonestidade, roubo e desrespeito pela propriedade alheia, indolência e indisposição para o trabalho. (TÓFOLI, 2010, p. 215).

Essas associações mal-intencionadas propagadas acerca da conduta dos Tapeba perduraram por muito tempo. As primeiras aproximações teóricas sobre os indígenas foram desenvolvidas por jornais locais, onde buscavam descrever a situação em que a população se encontrava. A partir dessas notícias, conforme Aires (2008), chega ao conhecimento da igreja católica a existência da população indígena no município de Caucaia, que assim se coloca à disposição para ajudar a "resgatar" a cultura dos Tapeba, dando-os a visibilidade perante às autoridades governamentais.

Nesse sentido, é importante destacar o novo cenário em que a Igreja estava inserida, tendo em vista que em 1972 tem-se a criação do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), um órgão ligado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Dessa forma, a Igreja passa a construir uma rede de apoio aos povos indígenas, auxiliando nas lutas pela terra e direitos básicos como educação e saúde.

No Ceará, ressalta-se a presença de Aloísio Lorscheider, ou Dom Aloísio, como era conhecido pelos Tapeba. Ao chegar em Fortaleza em 1973, "[...] empreendeu uma série de mudanças na direção pastoral da Arquidiocese" (AIRES, 2008, p. 86) e essas novas ações estavam associadas à experiência de conversão pessoal de Lorscheider. Segundo Aires (2008), o cardeal organizou, juntamente com uma equipe de missionários, um movimento educacional para auxiliar os Tapeba na reconstrução da sua identidade, e a tarefa de coordenar e participar de forma ativa desse movimento foi atribuída à Equipe de Assessoria às Comunidades Rurais — EACR.

A ação e intenção da Igreja Católica para com os Tapeba pode ser observada através das afirmações de Lorscheider no vídeo "Tapeba, resgate e memória de uma tribo", datado de 1985. Conforme o fragmento a seguir:

> Entrevistador: Quais são as perspectivas do trabalho da Arquidiocese com os índios Tapeba?
> Aloísio Lorscheider: A primeira grande perspectiva é que a FUNAI, que a Fundação Nacional do índio vá tomar providências, que vá também ajudar esses índios Tapebas para que eles possam novamente viver a sua cultura, viver a sua justa autonomia, e possam, nesse sentido, reencontrar-se dentro das suas memórias históricas e ser gente como tantas pessoas são gente. Depois, outra

> perspectiva é que nós [grupo da arquidiocese], com o trabalho que a Arquidiocese está fazendo, queremos justamente conseguir, a promoção humana desses índios para que eles possam sentir-se pessoas na sua dignidade, e possam sair deste crime, desta embriaguez, e de tudo aquilo que os marginaliza, que os reduz. Até agora esse novo trabalho tem sido muito bom, porque a reação deles é muito positiva, já se conseguiu construir algumas casas melhores para eles, já se conseguiu começar uma escola onde os filhos deles possam também estudar e começar aquela educação básica, aquela formação tão necessária para a vida, e também já se começou um trabalho para melhorar a temática da própria pesca, porquê muitas vezes, esses pobre índios Tapebas não tinha nem sequer os elementos necessários para poderem trabalhar descentemente. (Aloísio Lorscheider em entrevista – fragmento transcrito do vídeo Tapeba: Resgate e memória de uma tribo, 1985).

Ao observar o trecho da entrevista do cardeal, nota-se que ele alude para a questão da regulamentação da terra indígena, que tem como objetivo pressionar a FUNAI. Tófoli (2010) afirma que, em meados de 1984, os Tapeba passam a ser reconhecidos como indígenas perante à nação e, assim, criam independência e afastam-se gradativamente da Igreja Católica, dando início ao movimento indígena.

A partir desse momento, os Tapeba passam a reivindicar seus direitos, sobretudo, o direito à terra. Foram realizados três estudos de identificação na Terra Indígena Tapeba.

Os indícios para a construção do primeiro processo de demarcação territorial, conforme explica Barretto Filho (2006), surgiram em 3 de junho de 1985, onde a Terra Indígena Tapeba já teria sido incluída na programação de identificação para 1985. No entanto, conforme Tófoli (2010), o primeiro levantamento para delimitação da Terra Indígena Tapeba só foi realizado no ano de 1986.

Apesar da legalidade, em julho de 1988, "[...] o processo foi arquivado, com a justificativa de que eram necessários estudos mais aprofundados" (TÓFOLI, 2009, p. 221). Dessa forma, fez-se necessária a construção de um novo Grupo de Trabalho, para que fossem realizados novamente os estudos antropológicos.

Em 1997, foi realizado um novo estudo, mas que, assim como o primeiro, foi descartado, em decorrência de denúncias que alegavam a ilegalidade do processo e que afirmavam que a demarcação da terra indígena comprometeria o desenvolvimento econômico do município. É possível observar esse fato em Barretto Filho (2006):

> Em 21 de outubro de 1997, solicitavam "reexame da questão", considerando que a "área [...] ultrapassava as verdadeiras necessidades indígenas e compromete o desenvolvimento do Município de Caucaia" (fls. 927-932). Um outro abaixo-assinado de outubro de 1997 ao Ministro da Justiça (fls. 910-911), de procedência difícil de discernir, relata que a cidade metropolitana do município de Caucaia "vive hoje momentos conturbados em razão da demarcação das terras pela Funai". (BARRETTO FILHO, 2006).

O terceiro estudo de identificação coordenado pelo antropólogo Henyo Barretto Filho foi finalizado no ano de 2006, sendo iniciado no ano de 2003. Esse último estudo foi pausado em 2007, pois:

> [...] o prazo legal para contraditórios já havia acabado e o processo aguardava resposta da FUNAI junto à justiça, quando a prefeitura de Caucaia moveu uma Reclamação Pública junto ao Superior Tribunal de Justiça, a qual foi votada em junho de 2008 e aceita em primeira instância. A Reclamação contesta a legitimidade do GT alegando a não existência de representante da prefeitura em seu meio, baseado no Mandato de Segurança nº. 5.505; e nega a existência de indígenas na região. (TÓFOLI, 2009, p. 221-222).

Segundo a ADELCO (2018), somente em 2010 o processo foi reaberto e atendeu a reivindicação sobre a participação de membros do governo municipal e estadual.

Após seguidos impasses, o povo Tapeba passa a exercer a garantia de posse dos seus territórios "na base da força" (J. Tapeba em entrevista obtida em outubro de 2020), através das práticas de retomadas de terra, que consistem em "[...] pressionar a FUNAI a executar as etapas de demarcação, desintrusão e indenização da população não indígena da área" (TÓFOLI, 2009, p. 223). As retomadas estão presentes na história dos Tapeba desde os anos 1990.

Atualmente, os indígenas ocupam uma área de "[...] 5.838 hectares delimitados" (ADELCO, 2018, p. 20), porém o processo ainda não foi homologado. A área possui características urbanas, no entanto, em algumas partes mais afastadas e próximas à corpos hídricos, apresentam características mais rurais.

Nesses ambientes, é comum a prática da criação de animais e o plantio de raízes e culturas alimentares. A referida área é caracterizada pela FUNAI enquanto um território tradicional. De acordo com a Constituição Federal de 1988, essa categoria corresponde à:

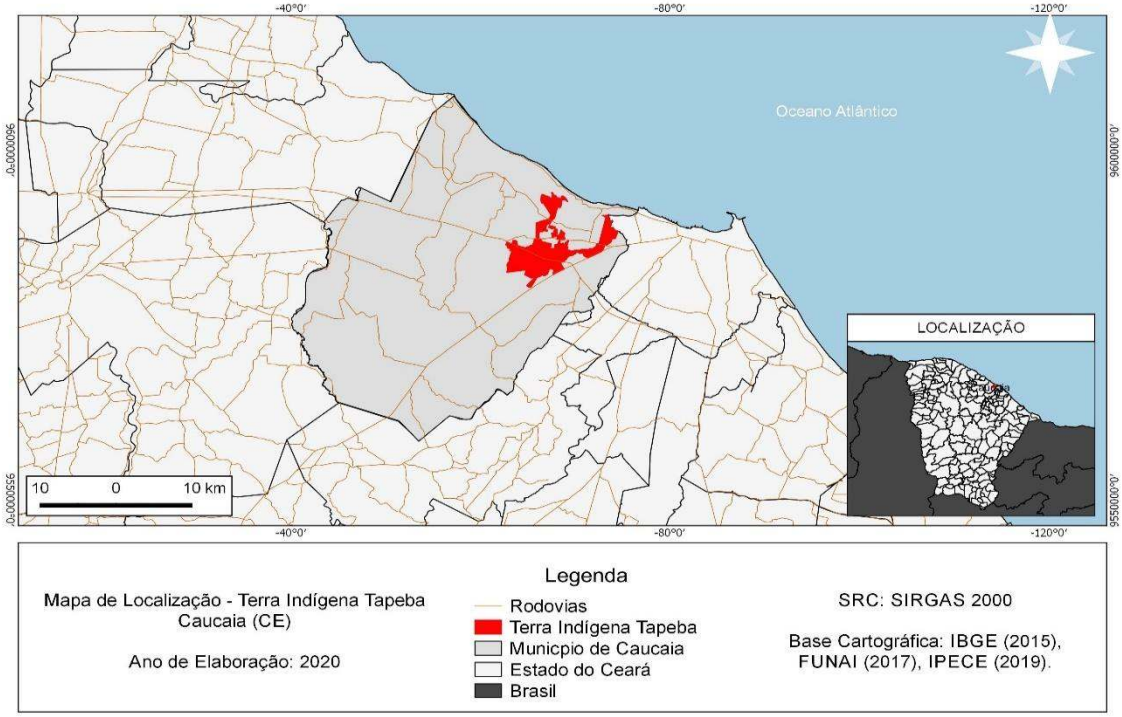
> Art. 231, § 1º, informa que "São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias à sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições" (BRASIL, 1988).

No que diz respeito ao quantitativo populacional, a ADELCO (2018) afirma que o povo Tapeba apresenta uma população expressiva quando comparada com as demais etnias no estado, sendo a mais populosa, com cerca de 8.010 indígenas distribuídos nas 18 comunidades mencionadas anteriormente. Segundo o SIASI (2016), a maioria da população é composta por mulheres, com a idades entre 15 e 35 anos.

No que diz respeito à participação da população na articulação do movimento indígena, em um estudo realizado pela ADELCO (2018), foi ressaltado que os Tapeba se encontram no grupo da Região Metropolitana e participam de forma ativa dos eventos, reivindicações, encontros e festejos.

Com o intuito de destacar a presença dos Tapeba no município de Caucaia (CE), elaborou-se o Mapa 1 – Terra indígena Tapeba, no qual é possível observar a proximidade entre a Terra indígena e a capital cearense.

Mapa 1 – Terra indígena Tapeba - Caucaia (CE)



Fonte: FUNAI (2017). Organização: Autora.

Formação de territorialidades indígenas Tapeba em Caucaia (CE)

Após realizar a leitura da origem e do perfil do povo Tapeba, além de compreender sua trajetória de luta e resistência ao longo dos anos, nota-se que os mesmos se encontram em um ambiente urbano, embebido de influências externas que poderiam vir a enfraquecer suas práticas culturais.

No entanto, por terem conhecimento dessa condição, a população busca a cada dia repassar a cultura indígena às novas gerações com o propósito de fortalecer suas raízes e utilizar a tecnologia a favor das suas lutas e prioridades. Nessa perspectiva, surgiu a curiosidade de identificar as territorialidades indígenas presentes em Caucaia a partir dos espaços de convivência da população.

Como mencionado anteriormente, os Tapeba estão desde os anos 1980 na luta pela demarcação legal da terra e para garantir sua autonomia, momento em que adotou os movimentos de retomada de terra – com o intuito de exercer o uso pleno e o controle da área. Em entrevista, a professora indígena R. Tapeba, que já participou de forma ativa das retomadas, explica o motivo da realização do movimento e como ele acontece:

> V: Já participou de algum movimento de retomada de terra? Ou conhece alguém que participou? E como acontecem?
> R. TAPEBA: Isso acontece porque a terra indígena Tapeba ainda está em processo, houve estudos para demarcação, mas ainda não foi homologada. Participar de uma retomada é muito difícil, é uma ida sem saber se tem a volta. Os poceiros, como chamamos, estão lá armados e prontos para matar a qualquer um. Nós temos apenas uns aos outros, e nossos escudos são os nossos encantados que estão juntos com a gente para nos fortalecer nesse momento que é tão difícil. (R. Tapeba, em entrevista obtida em outubro de 2020).

A delimitação de terras expedida pela FUNAI em 2017 não contempla toda a área habitada pelos Tapeba, dessa forma, a comunidade indígena do Capuan, Itambé e parte da comunidade Jandaiguaba estão fora da delimitação expedida pelo órgão. Conforme a ADELCO (2018), as comunidades Capuan e Jandaiguaba atualmente possuem o maior contingente populacional.

Posto isso, entende-se que os Tapeba, utilizam espaços fora da terra indígena para realizarem diversas atividades cotidianas, como lazer, esporte, educação, trabalho e algumas de suas manifestações culturais.

Os primeiros espaços de convivência dos Tapeba ressaltados no estudo são as escolas de ensino diferenciado indígena. De acordo com a Secretaria Estadual de Educação do Estado do Ceará – SEDUC (2014), o município de Caucaia possui 12 escolas diferenciadas, sendo 11 voltadas ao povo Tapeba e 1 ao povo Anacé, etnia também residente em Caucaia.

As escolas diferenciadas configuram um espaço de educação destinado à crianças, adolescentes e adultos indígenas. O modelo diferenciado surgiu por meio de uma iniciativa autônoma dos indígenas durante a década de 1990, como resposta às situações de preconceito sofrido pela população e também para auxiliar a vida das mães indígenas que precisavam garantir o sustento da família.

Esse modelo se fortaleceu após o rompimento com o sistema de ensino aplicado pela Igreja Católica em 1990[1] e pela participação massiva da população. De acordo com o relato do professor J. Tapeba, é possível entender a origem das escolas indígenas, como acontece o funcionamento da instituição e qual a tarefa do professor indígena. Assim, ele explica:

> V: Em que momento foi sentida pela população indígena a necessidade de criar uma escola diferenciada? Como funcionam e qual sua principal tarefa como professor?
> J. TAPEBA: Nossas escolas foram criadas no final dos anos 90, e na época poucos docentes detinham de fato o conhecimento convencional exigido pelos órgãos competentes (curso superior). Daí iniciamos mais uma batalha da aceitação sistemática dos costumes tradicionais a serem aplicados na rotina escolar de cada sala de aula bem como no currículo das instituições diferenciadas. O professor indígena é um transmissor dos vastos costumes, formas, práticas, danças, medicina tradicional dentre outros que venham manter a socialização da comunidade indígena e a segurança dos membros da tribo. (J. Tapeba, em entrevista obtida em outubro de 2020).

Nas escolas de ensino diferenciado indígena do povo Tapeba são trabalhadas as disciplinas que compõem a Base Nacional Comum Curricular – BNCC em conjunto com as disciplinas interculturais. No caso dos Tapeba, são trabalhadas as disciplinas de artesanato, cultura, dança, música, a prática de esportes indígenas e a história indígena, conforme salienta o professor:

[1] Ver: AIRES, J. M. M. P. **De aculturados a índios com cultura: estratégias de representação do movimento dos professores Tapeba em zona de contato**. Campo Grande, MS. Tellus, ano 8, n. 15, p. 83-112, jul. /dez, 2008.

> V: Vocês seguem a BNCC? Como é o dia-a-dia da escola? Quais atividades desenvolvem?
> J. TAPEBA: São aplicadas as disciplinas tradicionais na grade curricular, projetos mensais artesanais, o ensino uso correto das plantas na medicina tradicional, a importância da participação esportiva diferenciada dentre outras formas aplicadas no plano anual e diário de cada turma. A convivência com os alunos é muito boa, e o ambiente é adequado. (J. Tapeba, em entrevista obtida em outubro de 2020).

No que se refere à administração e organização da escola, também são observadas características particulares, pois sua administração é feita de forma comunitária, onde as famílias de todo grupo escolar participam do cotidiano da instituição.

Além disso, as escolas de ensino diferenciado promovem eventos anuais e semestrais, com o intuito de exibir a cultura indígena à toda população e proporcionar uma integração entre professores e alunos das demais instituições. A professora indígena R. Tapeba, descreve em entrevista o objetivo dos eventos, como acontecem as festas e como se dá a participação dos alunos.

> V: A escola tem algum tipo de calendário com festividades ou eventos que contemplem datas comemorativas indígenas? Como acontecem as festividades?
> R. TAPEBA: Sim. Essa é uma conquista, nosso calendário é respeitado pela secretaria de educação. E nossos eventos acontecem sem problemas. Nos dias de festa, nós convidamos as crianças da escola e todos da comunidade para juntos mostrarmos a cidade de Caucaia e a quem quiser ver que ainda estamos vivos e fortes. Acreditamos que os eventos auxiliam no fortalecimento da nossa cultura, e fora isso ainda perseveramos na luta pela demarcação das nossas terras. No dia do índio Tapeba, por exemplo, juntos todos se trajam com vestes tradicionais e no centro da cidade fazemos uma marcha, pintados e prontos para continuar. (R. Tapeba, em entrevista obtida em outubro de 2020).

Os eventos mencionados pela professora exemplificados na Tabela 1 – Festejos do Povo Tapeba, acontecem no mês de outubro, em alusão a morte do Cacique Vitor Tapeba, e são esses: a Feira Cultural, a Festa da Carnaúba, os Jogos Indígenas e a Marcha do Índio Tapeba. Exceto a Marcha do Índio Tapeba, os demais eventos são realizados em um outro ambiente de convivência própria dos Tapeba, o Terreiro Sagrado dos Pau Branco.

Tabela 1 – Festejos do Povo Tapeba

FESTEJOS DO POVO TAPEBA			
FESTA	**DATA**	**LOCAL**	**PÚBLICO**
Feira Cultural	Outubro	Terreiro Sagrado	Povo Tapeba e comunida externa
Festa da Carnaúba	Outubro	Terreiro Sagrado	Povo Tapeba e comunida escolar
Jogos Indígenas	Outubro	Terreiro Sagrado	Povo Tapeba e comunidade escolar
Marcha do Índio Tapeba	Outubro	Centro de Caucaia	Geral

Fonte: JUCÁ (2014). Organização: Autora (2021).

O Terreiro Sagrado dos Pau Branco está localizado no bairro Guajiru, em Caucaia – CE. É caracterizado como um ambiente de lazer, trabalho e realização de práticas de esportes e manifestações culturais. É um território carregado de memória e simbolismo, e é de uso exclusivo dos indígenas Tapeba, que prezam constantemente pela sua preservação ambiental e principalmente simbólica.

Além disso, as lideranças fazem questão de que as novas gerações convivam e conheçam o local desde muito novas. Os professores indígenas J. Tapeba e R. Tapeba, descrevem o que sente ao frequentar o Terreiro Sagrado dos Pau Branco, e discorrem sobre a importância que ele exerce sobre a população. Assim, J. Tapeba afirma que:

> V: Os professores conhecem o Terreiro Sagrado dos Pau Branco? Se conhece, o que esse território significa para você? (Quais emoções ele desperta, o que ele remete...)
> J. TAPEBA: Sim, conhecem. O terreiro sagrado é onde resgatamos a nossa energia espiritual e a conexão com os elementos naturais da mãe terra. Quando frequentamos sentimos uma imensa paz, aí vem a lembrança dos troncos velhos de nossas aldeias que nos fortalecem e faz com que ao nos levantar, possamos sentir-se como guerreiros todos os dias. (J. Tapeba, em entrevista obtida em outubro de 2020).

Para a professora R. Tapeba, o Terreiro Sagrado dos Pau Branco também desperta emoções:

> V: Os professores conhecem o Terreiro Sagrado dos Pau Branco? Se conhece, o que esse território significa para você? (Quais emoções ele desperta, o que ele remete...)

> R. TAPEBA: Sim, todos conhecemos. Para mim o terreiro sagrado representa um lugar espiritual. Lá estão nossos encantados[2], é um local de purificação, onde conseguimos compartilhar uns com os outros os saberes de cada comunidade e ouvir os ensinamentos dos mais velhos. (R. Tapeba, em entrevista obtida em outubro de 2020).

O Terreiro Sagrado dos Pau Branco, além de servir como um espaço de confraternização, para alguns indígenas o ambiente é um grande fornecedor de matéria-prima, sobretudo para os que trabalham com a fabricação de artesanatos.

Lá eles realizam a coleta de materiais orgânicos como fibras vegetais de carnaúba, sementes, penas de aves e cabaças. A partir desses materiais surgem os maracás, os trajes indígenas e as bio-jóias, comercializados a partir de encomendas, ou em eventos e feiras de artesanato.

Outra atividade de trabalho exercida no terreiro é o cultivo de plantas alimentares, como milho, feijão, tubérculos e demais culturas, na qual uma parte é destinada para o consumo de famílias das comunidades e o excedente é comercializado, normalmente em feiras livres e em barraquinhas nas estradas.

No que diz respeito às manifestações culturais, os Tapeba reúnem-se com frequência no Terreiro Sagrado dos Pau Branco para promover os eventos escolares, dançar o Toré e realizar momentos de espiritualidade. Além disso, usam o território para praticar esportes como natação, arco e flecha e lançamento de toras.

Dentro do Terreiro Sagrado dos Pau Branco, existe a Lagoa dos Tapeba, um outro ambiente de convivência de uso exclusivo dos indígenas. Nas margens da lagoa, algumas mulheres das comunidades lavam roupas, as crianças e adolescentes praticam a natação, os homens pescam e navegam em suas canoas. A Lagoa, além de possuir um uso material, representa para os Tapeba um lugar de fortalecimento cultural e é exaltada em músicas, poemas e poesias[3] enquanto um ambiente especial.

Outro espaço com o uso semelhante ao da Lagoa dos Tapeba são as margens do Rio Ceará. Nos anos de 1980, eram habitadas por famílias de Tapeba – atualmente, possui um número reduzido de habitações de Tapeba. É utilizado enquanto um ambiente de trabalho para os indígenas mais velhos, tendo em vista que são realizadas a pesca e a coleta de caranguejos.

---

[2] Encantados: A professora refere-se aos parentes e lideranças indígenas já falecidos, enterrados no Terreiro Sagrado.

[3] Ver: TAPEBA, M. CD – **Quem deu esse nó?** Cânticos tradicionais indígenas. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=s1taW0uh7Ns.

O Parque Estadual Botânico do Ceará, frequentado pela população, é localizado no bairro Itambé, no município de Caucaia. Os espaços de uso e convivência dos Tapeba são os canteiros de plantas medicinais, onde as lideranças buscam espécies vegetais e raízes para a fabricação de remédios caseiros; a lagoa do parque também é utilizada pela população em todas as idades, normalmente para o banho; e a biblioteca do parque também é usada por alunos das escolas diferenciadas, para consultas com o intuito de desenvolver trabalhos escolares.

O parque promove eventos anualmente e convida os Tapeba para realizarem apresentações de dança, principalmente o toré, e cantar músicas que contem a sua história, como afirma a professora: "participamos de vários momentos de cultura no município, nossa presença sempre é registrada em eventos no parque botânico". (R. Tapeba, em entrevista obtida em outubro de 2020).

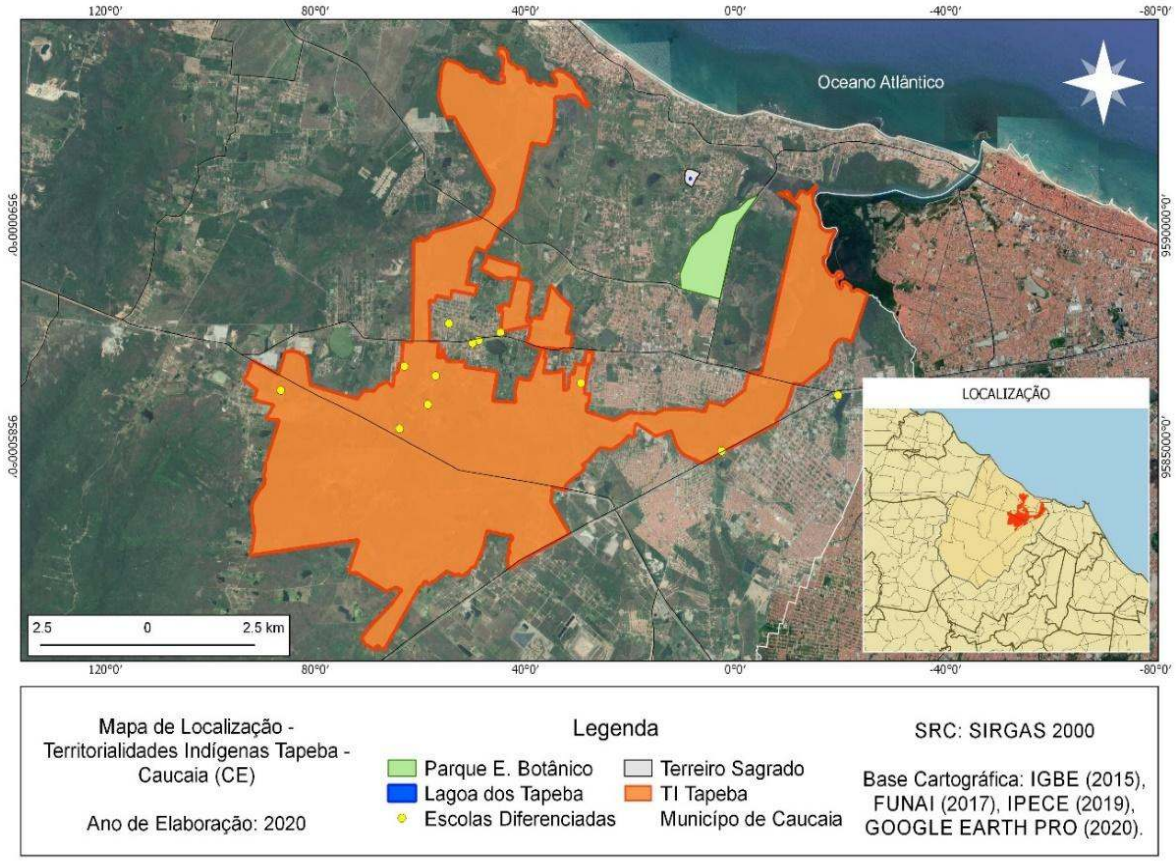
As praças das comunidades também são utilizadas pelos Tapeba para a prática de esportes como corridas, caminhadas e zumba, sobretudo, as praças dos bairros Capuan e Jandaiguaba. No bairro Jandaiguaba, os indígenas da comunidade encontram-se na quadra de Dona Isabel, líder comunitária, para conversar, discutir assuntos da comunidade e confraternizar.

No que se refere aos espaços de trabalho, o professor J. Tapeba relata que os indígenas possuem dificuldade em conseguir empregos ou serviços temporários devido ao preconceito racial. Quando o questiono sobre as vagas de emprego, ele afirma que a população trabalha "[...] apenas em postos de saúde indígena, escolas, ongs e alguns setores governamentais" (J. Tapeba, em entrevista obtida em outubro de 2020). Além desses, alguns setores industriais também empregam indígenas. Devido as situações de preconceito, uma pequena parte da população opta por realizar trabalhos mais tradicionais, como a pesca e a fabricação de artesanatos.

Tendo em vista esses fatos, entende-se que a territorialidade, nesse caso, está associada às relações exercidas por grupos sociais em um ambiente particular. Dessa forma, compreende-se que nesse caso, "[...] a territorialidade está ligada às relações sociais e às atividades diárias que os homens têm com sua natureza exterior" (FERREIRA, 2014, p. 132) e, além disso, também corresponde à "face vivida" da "face agida" do poder" (RAFFESTIN, 1993, p. 161-162), seja ele simbólico, cultural, econômico ou político. Esses ambientes mencionados estão destacados no Mapa 2 - As Territorialidades Tapeba, organizado a partir de dados coletados em plataformas digitais tomando como base o resultado das entrevistas coletadas com os dois

professores. Nele, é possível observar localização dos ambientes de uso e convivência da população.

Mapa 2 – As Territorialidades Tapeba



Fonte: GOOGLE EARTH PRO (2020), IPECE (2019), FUNAI (2017). Organização: Autora.

Considerações Finais

Para as comunidades indígenas o território é imprescindível a sua existência, tendo em vista a necessidade da manutenção cultural dos seus costumes, crenças e ritos. Dessa forma, buscou-se realizar neste trabalho uma leitura acerca das territorialidades indígenas existentes no município de Caucaia (CE), entendendo-as enquanto um território de convivência específico utilizado cotidianamente e controlado pela população estudada.

O povo Tapeba de Caucaia possui uma relevância nos estudos sociais cearenses devido as suas particularidades culturais e, principalmente, à sua trajetória de luta e resistência na articulação do movimento indígena, onde exercem

protagonismo na organização de eventos, movimentos sociais e prestam auxílio aos parentes que necessitam. Na luta por seus direitos a população conta com o auxílio de instituições como a Associação para o Desenvolvimento Local Co-Produzido - ADELCO e o Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos – CDPDH, organização vinculada à Igreja Católica, que visa prestar ajuda à população em diversas situações, sobretudo, no que concerne ao Centro de Defesa e Proteção dos Direitos Humanos – CDPDH (auxílio jurídico).

No que diz respeito aos espaços de convivência aqui apresentados, tem-se que esses estão diretamente associados à manutenção das tradições e cultura indígena. Conclui-se isso a partir da leitura do uso que a população exerce sobre os ambientes, desde a escola até às margens da Lagoa dos Tapeba.

As escolas diferenciadas são caracterizadas enquanto ambiente de educação coletivo e plural, criadas na década de 1990, para atender exclusivamente as necessidades da população indígena. Como o próprio nome já indica, identificou-se que elas apresentam um currículo intercultural, no qual os professores mesclam disciplinas da base nacional comum com disciplinas diferenciadas e atividades interculturais práticas, como a fabricação de artesanatos, o ensino de técnicas de plantação, danças, cânticos e grafismos corporais.

De acordo com a SEDUC (2017), o município de Caucaia possui cerca de 3.050 alunos indígenas nas 12 instituições, distribuídos em séries do ensino infantil, fundamental, médio e educação de jovens e adultos. As instituições possuem traços diferenciados, como construções em formato arredondado, algumas não possuem muros, além disso, a decoração é caracterizada por pinturas e grafismos nas paredes, adereços de palha de carnaúba e cabaças.

No Terreiro Sagrado dos Pau Branco se concretizam os eventos e festejos promovidos pelos Tapeba. Nele também se encontram os "encantados", ou seja, são as principais lideranças da comunidade já falecidas e enterradas no local, entendidas enquanto guias espirituais que fornecem proteção às novas gerações. O Terreiro Sagrado é entendido como um local de reprodução cultural e simbólica.

Inserida no Terreiro Sagrado dos Pau Branco, a Lagoa dos Tapeba, como o próprio nome indica, também constitui um espaço de convivência da população. Sua importância é relatada pelos Tapeba através de fotografias, poemas e músicas. É utilizada quase sempre como um espaço de lazer, no qual jovens e crianças se divertem.

Já o Parque Botânico do Ceará é o único ambiente que não é de uso exclusivo dos Tapeba. No entanto, é visível a presença da população no local. Desde a entrada do parque, é possível observar as referências à cultura indígena por meio de grafismos em folhetos e placas de identificação, bem como a presença de maracás e artesanatos feitos em palha espalhados pela decoração do ambiente. No canteiro de plantas medicinais, a presença de mulheres indígenas é registrada e na lagoa a população em geral se diverte, sobretudo nos fins de semana.

Diante desse quadro, entende-se que para este estudo, a territorialidade pode ser compreendida conforme o que é ressaltado por Haesbaert (2007), como a forma que os homens utilizam a terra, como se organizam no espaço e como atribuem um significado ao lugar. Nesse caso, mais do que o exercício de um poder político, os Tapeba mantem seus territórios por meio de um poder cultural e simbólico, que está vinculado a sua forma de vida e reprodução no espaço.

Referências

ADELCO. **Plano de Gestão Territorial e Ambiental Indígena Tapeba**. Fortaleza, 2018.

ADELCO. **Situação dos Povos Indígenas no Ceará**. Fortaleza, 2018.

AIRES, J. M. M. P. **De aculturados a índios com cultura**: estratégias de representação do movimento dos professores Tapeba em zona de contato. Tellus, Campo Grande, ano 8, n. 15, p. 83-112, jul./dez, 2008.

ANDRADE, M. C. **A questão do território no Brasil**. São Paulo: Hucitec; Recife: IPESPE, 1995.

BARRETTO FILHO, H. T. Invenção ou renascimento? Gênese de uma sociedade indígena contemporânea no Nordeste. In OLIVEIRA, J. P. de (org). **A viagem de volta**: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena. 2ª ed. LACED, 2004.

BARRETO FILHO, H. T. **Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da TI Tapeba**. Brasília: 2006.

CLAVAL, Paul. **O Território na Transição da Pós Modernidade**. GEOgraphia, ano I, nº 2, p. 7 – 25, 1999.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 3ª Edição. Florianópolis: Ed UFSC, 2007.

FERREIRA, D. S. Território, territorialidade e seus múltiplos enfoques na ciência Geográfica. **CAMPO-TERRITÓRIO**: revista de geografia agrária, v. 9, n. 17, p. 111-135, abr., 2014.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, R. **Território e Multiterritorialidade**: um debate. GEOgraphia. Rio de Janeiro, ano 11, n. 17, p. 19-44, mar. 2007.

JUCÁ, J. L. "**Nós temos que assumir que somos índios e quebrar esse preconceito**": estudantes Tapeba e o reconhecimento da identidade indígena". Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.

LEITE NETO, J. **Índios e Terras**: 1850-1880. 2006. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2006.

OLIVEIRA, A. U. de. **A fronteira Amazônica Mato-Grossense**: grilagem, corrupção e violência SP. USP/FFLCH. Livre Docência (mimeo) 1997.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RATTS, A. J. P. **Fronteiras invisíveis**: Territórios negros e indígenas no Ceará. Dissertação de mestrado em Geografia Humana. São Paulo, USP, 1996.

SACK, R. **Human territoriality**: Its theory and history. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SAQUET, M. A. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Org.). **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SILVA, I. B. P. da. **Vilas de índios no Ceará Grande**: dinâmicas locais sob o Diretório Pombalino/ UNICAMP, Campinas- SP: [sn] 2003.

SOUZA, M. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo César da Costa, e CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.) **Geografia:** conceitos e temas. 2ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

TÓFOLI, A. L. F. de. **Retomada de terras Tapeba**: entre a afirmação étnica, os descaminhos da demarcação territorial e o controle dos espaços. Na mata do sabiá: contribuições sobre a presença indígena no Ceará. / Estêvão Martins Palitôt [organizador]. – Fortaleza: Secult/ Museu do Ceará/ IMOPEC, 2009.

TÓFOLI, A. L. F. de. **As Retomadas de Terras na Dinâmica Territorial do Povo Indígena Tapeba**: mobilização étnica e apropriação espacial. 2010. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará.

Submetido em: 29 de julho de 2021.
Devolvido para revisão em: 04 de outubro de 2021.
Aprovado em: 20 de janeiro de 2022.

Como citar este artigo:

LIMA, V. A. Territorialidades indígenas Tapeba em Caucaia (CE): trajetória de luta e continuidade do povo. **Terra Livre,** v. 1, n. 56, p. 418-444, Jan.-Jun./2021.